

DOMINGO E SEGUNDA-FEIRA, 12 E 13 DE OUTUBRO DE 2025

# A Hollywood brasileira

No final dos anos 80, Ribeirão Preto passou a ser conhecida como a Califórnia Brasileira.

O codinome, que até hoje divide opiniões, surgiu graças ao jornalista Ricardo Kotscho, que em matéria para o Jornal do Brasil, de março de 1987, destacou números locais, como a renda per capita anual de 5,6 mil dólares, e “batizou” a cidade, no título do texto, como a “Califórnia Paulista”, uma comparação ao rico estado norte-americano.

Do estado para o país foi um pulo. E Ribeirão virou a Califórnia Brasileira.

Mas, poderia ter sido conhecida como a Hollywood Brasileira. E não seria exagero. Essa cena fez parte de um roteiro apresentado pelo Tribuna Ribeirão em agosto de 1996, resgatando personagens que fizeram a história do cinema na - um dia - Capital da Cultura.

O ex-vereador e ator José Veloni, falecido em 2014, é protagonista nesta história, ao lado do roteirista Rubens Luchetti, que morreu no ano passado, aos 94 anos. Enquanto este teve em José Mojica Martins, o

Zé do Caixão, seu grande parceiro, Veloni caiu nas graças do caipira mais famoso do país, Mazaropi.

Aos 75 anos na época, ele contou ao jornal que fazia teatro amador, mas foi por um golpe de sorte que se aproximou do ídolo. Em uma viagem a São Paulo, já como vereador, em seu quinto mandato, ficou sabendo que Mazaropi precisava de bagaço de cevada para o gado de sua fazenda. Sem dificuldades, conseguiu o produto na fábrica local da Antartctica e mandou para o ator, então já reconhecido internacionalmente. Foi o suficiente para ganhar a simpatia e a amizade!

“Minha espontaneidade agradou Mazaropi”, disse Veloni, que foi convidado para assistir as filmagens de O Jeca e a Freira (1966) e acabou ganhando o papel do médico Dr. Irineu, que lhe caiu como uma luva.

Desde então, o ribeirão-pretano participou de praticamente todas as produções de Mazaropi até a sua morte, em 1981. “Era um sacrifício, tinha vezes que eu saía de Ribeirão Preto ao meio-dia e retornava às sete da manhã”, relembra o ator.

As gravações eram realizadas em Taubaté, a mais de 400km de RP.

Veloni contou que, “apesar de pão-duro”, Mazaropi era correto. E ele ganhou bem pelas participações nos filmes. “Ele tinha muita visão e ganhava muito dinheiro”.

A atuação de Veloni não se restringiu às películas de Mazaropi. Participou de outros filmes, um deles, inclusive, chegou a ter locações em Ribeirão Preto. Foi o bang bang tupiniquim “Conflito em San Diego”, de Maurício Miguel. Na obra, que começou a ser filmada em 1972 e só terminou dali quatro anos, Veloni encarnava um fazendeiro escravocrata, mau caráter “até a medula”. “No cinema eu encarnava meu lado mau”, brincou.

Embora o ator tenha se esquivado de mais detalhes sobre o filme, o Tribuna conversou com pessoas que acompanharam as filmagens de “Conflito em San Diego”, que aconteceram num terreno que ficava atrás da Unaerp, de propriedade do reitor Electro Bonini. E elas garantiram, segundo o texto, que daquilo poderia sair tudo, menos um filme sério.

## Conflito em San Diego

Um repórter da época lembra que o projeto já tinha cheiro de picaretagem desde a pré-produção.

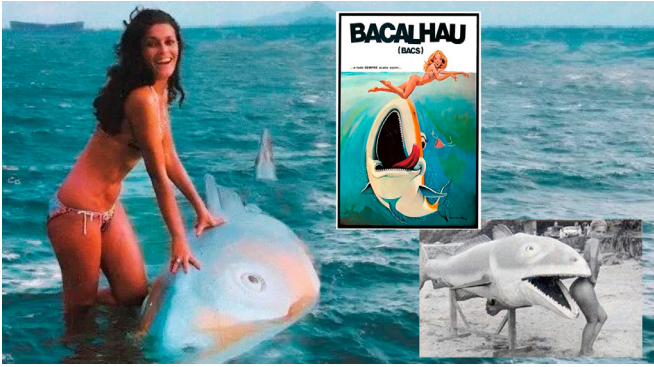
Segundo consta, a equipe de produtores de “Conflito...”, encabeçada pelo italiano Dino Cizzi, veio a Ribeirão Preto para conseguir do próprio prefeito da época, o falecido Duarte Nogueira, apoio para as filmagens. O prefeito não esteve presente e quem acabou os recebendo foi seu chefe de gabinete e cunhado José Guilherme Pinheiro que, sem ao menos consultar Nogueira, topou a empreitada.

Diz a lenda que Nogueira, ao saber da história, ficou possesso e quase botou todo mundo para correr.

No frigir dos ovos, a parceria se firmou e uma cidade cenográfica foi montada no terreno de Electro Bonini, que aceitou ceder o local em troca de uma aparição sua no filme. Todo o material e mão-de-obra utilizada na produção foram bancados pela prefeitura. A cenografia ficou a cargo de ninguém menos que o artista plástico Bassano Vaccarini e parte do elenco, entre eles Ovídio Bonato, Armando Paschoalin, o palhaço Biriba, Veloni e Bonini, eram filhos da terra.

(texto original, de Reginaldo Martins, para o Tribuna de 3/8/1996)

## Núcleo de Cinema e Sarney



Bacalhau: sátira a Tubarão, de Spielberg



Edgard de Castro é um dos protagonistas do cinema ribeirão-pretano



José Veloni em ação: filmes com Mazarópi

Outro pioneiro na arte cinematográfica entrevistado à época foi Edgard de Castro, produtor de filmes como A Carne, Paranoia, O Bacalhau e Cortiço.

Ele contou que a ideia de montar uma produtora de cinema em Ribeirão Preto começou a fervilhar em sua mente no começo dos anos 1970, após conhecer a nata do cinema nacional e italiano através do amigo Jirges Ristum (pai do diretor Renato Ristum).

Em parceria com René Carreira, criou a Ômega Filmes. A primeira produção, em 1976, custou US\$ 300 mil e foi um sucesso de bilhe-

teria, recebendo da Embrafilmes (Empresa Brasileira de Filmes S.A.) o prêmio de filme mais visto do ano.

“Fizemos este filme no auge da pornochanchada, mas não optamos por esta vertente”, explicou Castro.

Depois da estreia, a Ômega Filmes se uniu ao maior grupo do país em termos de distribuição e exibição, o Havaí. Daí surgiu Paranoia, dirigido por Antônio Calmon, com argumento de Carlos Heitor Cony e elenco com estrelas como Norma Bengell, Anselmo Duarte, Nuno Leal Maia e a estreante Lucélia Santos.

Por aqueles anos, Tubarão, de

Steven Spielberg, era um grande sucesso, vencendo três Oscars. Inspirado no filme, Castro deu início às filmagens de Bacalhau (ou, como foi carinhosamente apelidado, Bacs), dirigido por Adriano Stuart.

Não era, digamos, uma super-produção, mais o filme fez sucesso. Entre as curiosidades das filmagens está o peixe usado na produção, idealizado pelos artistas plásticos Bassano Vaccarini e Tirso Cruz. “O escracho era tanto”, disse o jornal, “que se podia ler em letras garrafais no rabo do bicho Made in Ribeirão”.

Entre filmes brasileiros de maior

bilheteria na época, Bacalhau chegou a chamar a atenção do próprio Steven Spielberg, que quis de qualquer jeito assistir a fita, como afirmou Edgard de Castro ao Tribuna.

Após outras produções, como O Cortiço, Castro e Carrera retornaram a Ribeirão nos anos 1980 e criaram o projeto do Núcleo de Produção de Cinema: “uma verdadeira Hollywood com sede no Parque Permanente de Exposições de Ribeirão Preto, que conseguiria os recursos necessários para sua viabilização através da Lei Sarney, que propunha incentivos fiscais às empresas que apoiassem o cinema brasileiro”.

Os dois produtores chegaram a ir a Brasília, acompanhados de empresários e políticos locais, e ganharam o apoio pessoal de Sarney. Mas, o projeto não saiu do papel – ao menos naquela época. O presidente chegou a se comprometer a participar pessoalmente da inauguração do Núcleo, mas pediu que a data fosse adiada para que pudesse empossar o ministro da Cultura, Celso Furtado. Um dia depois, implantou o Plano Cruzado. Foi a pá de cal na ideia, que ficaria para anos mais tarde e poderia ter transformado Ribeirão Preto na Hollywood Brasileira.

## Rei do Gado muda a rotina de moradores

Ribeirão Preto foi um dos cenários escolhidos para a novela O Rei do Gado, produção global, exibida no horário nobre, entre 1996 e 97, que tinha como personagem principal Bruno Berdinazzi Mezenga, vivido por Antônio Fagundes.

A riqueza da cidade era mostrada em cenas gravadas no Calçadão, Bosque, Theatro Pedro II e no Pinguim, entre outros cartões-postais. Além de Fagundes, estiveram por aqui os atores Fábio Assunção, Silvia Pfeifer, Oscar Magrini, Glória Pires, Patrícia Pilar, Jackson Antunes e Mariana de Lima.

A presença do staff – literalmente – parou as locações. No Calçadão, teve gente se amontoando e até perdendo compromissos para ver de perto os atores. “Nem que eu tenha que chegar atrasada ao serviço, não saio daqui. Quero ver o ‘coroão’ do Fagundes, pegar um autógrafo e se possível dar um abraço e um beijo”, afirmou Andréia Cristina de Souza, 18 anos, ao jornal.

Selfie? Não, nem pensar. Naquela época, smartphone ainda



Antônio Fagundes arrancou suspiros em Ribeirão Preto

era coisa de desenho animado dos Jetsons...

Fagundes, aguardando pela Andréia e centenas de outras pessoas, chega e vai direto para o cenário, na choperia. Histeria geral. Um assis-

tente de produção se desespera com a segurança e afirma que naquela bagunça não haverá gravação. Uma hora depois, uma corda marca a divisa entre aqueles que podem e os que não



REPRODUÇÃO / JORNAL TRIBUNA

podem passar. Chega o diretor Luís Fernando Carvalho e as gravações começam.

Em meio aos fãs, alguns têm mais sorte. A modelo Camilla Morgana, 16 anos, está nesse grupo. Ela foi uma das figurantes locais escolhidas pela produção da novela. “Recebi um telefonema às 7h30 e meia-hora depois já estava no Bosque, onde foram feitas as filmagens da manhã. Como não fui de calça, a figurinista resolveu que os figurantes não participassem lá e me trouxeram aqui”, disse, esperando o início das gravações no Calçadão.

O garoto Rodrigo Dias, de apenas três anos, também. Contratado da agência de modelos local que forneceu 300 figurantes até o final da novela, ele ganhou o direito de fazer parte do elenco, como filho do líder sem-terra Regino, vivido pelo ator Jackson Antunes.

Para quem não conseguiu ver de perto os atores ou mesmo uma ‘pontinha’ na gravação, as próximas cenas seriam gravadas em um famoso motel da cidade e no Pedro II...





# Caça-fantasmas da vida real



Nas telas, os caça-fantasmas fizeram sucesso nos anos 1980, no filme homônimo (em inglês, Ghostbusters), onde três parapsicólogos ex-cêntricos abrem uma empresa para captura de ameaças sobrenaturais, em Nova York.

O ponto alto do filme, segunda maior bilheteria nos Estados Unidos e Canadá em 1984 (arrecadando US\$ 229 milhões), é a batalha épica entre os caçadores de fantasmas e a antagonista Gozer, que assume a forma gigantesca de um boneco de marshmallow.

Na vida real, os caça-fantasmas também estão por aí. Só não precisam enfrentar vilões com cara de guloseimas.

Dois deles foram entrevistados pelo Tribuna, em 1996: o casal de parapsicólogos Fátima Regina Machado e Wellington Zangari, integrantes do Inter Psi – Instituto de Pesquisas Interdisciplinares das Áreas Fronteiriças da Psicologia. Eles desmistificaram lençóis e correntes, mas garantiram: os fantasmas existem e fazem parte do nosso dia a dia.

**Tribuna – Fantasmas existem? Caça-fantasmas** – Em uma pesquisa recente, realizada pela Faculdade Anhembí/Morumbi, descobrimos que as pessoas veem, tocam ou são tocadas por fantasmas. Muitas vezes, moram juntos. A questão principal não é a existência de fantasmas, mas como se explica a existência deles. Em parapsicologia, fantasma tem uma outra conotação muito diferente daquela conhecida popularmente...

**Tribuna – E qual a diferença? Caça-fantasmas** – A popular diz respeito às almas penadas, algum ser que habita um determinado lugar e assombra as pessoas. Pelos estudos feitos até agora, os fantasmas não assombram, simplesmente transitam, usam o mesmo local durante um certo tempo, realizam, até mecanicamente, algumas funções e depois desaparecem. Nada de lençol voando ou corrente batendo. Em geral são silenciosos, passam por um lugar e saem. Os fantasmas podem ser fruto de algum problema psicológico, agregado a fatores físicos e a algum momento específico.

**As pessoas veem, tocam ou são tocadas por fantasmas. Muitas vezes, moram juntos**

**Tribuna – Por que algumas pessoas veem fantasmas e outras não? Caça-fantasmas** – Porque precisa haver a combinação de todos esses fatores. Existem castelos centenários, onde testemunhas descrevem o fantasma com a mesma característica.

**Tribuna – Qualquer pessoa pode conviver com um fantasma? Caça-fantasmas** – Sim, se você entender que o fantasma não é, necessariamente, uma coisa do outro mundo. Pode ser uma projeção do incons-



Fátima Machado e Wellington Zangari, os caça-fantasmas, abriram o jogo ao Tribuna Ribeirão sobre fantasmas e afins

ciente. Nós não questionamos o que a pessoa vê, mas o que realmente existe ali. Nós investigamos com o objetivo de saber se existe alguma coisa física, algum tipo de força, de energia, influenciando em um determinado local. As pesquisas demonstram que há modificações em alguns lugares, mas não aponta se é uma projeção da própria pessoa ou algo ligado ao lugar.

**Tribuna – E quem está mais propenso a fazer esse tipo de projeção? Caça-fantasmas** – O ser humano tem uma parte consciente e outra não. Tem a capacidade de reter informações que vêm do mundo exterior. As informações podem ser retidas no consciente ou no inconsciente. Elas se unem para formar uma personalidade independente à pessoa. Enquanto dormimos, essas informações se aglutinam de acordo com desejos, ansiedade, tipo de vida, e vão para a consciência em formato de sonho. Muitas vezes, essas informações não passam para a consciência através de sonhos, ou pela intuição, mas também através de uma visão que parece vir de fora. Ou seja, o ser humano exterioriza algo que é dele. Como está fora, e ele não tem consciência disso, não imagina que a origem das visões está dentro dele.

**Tribuna – É quando surgem as visões? Caça-fantasmas** – A aparição é uma coisa formada no inconsciente, mas que por algum mecanismo psicológico sai da consciência, é projetada externamente e, em certos casos, é vista por mais de uma pessoa. Além dessa projeção, existe outro mecanismo chamado contaminação psíquica. Uma pessoa vê e transmite à outra em um plano inconsciente.

**Tribuna – Quer dizer que duas pessoas podem ver a mesma imagem ao mesmo**

**tempo? Caça-fantasmas** – Essa teoria é conhecida como “aparições coletivas”. Alguém recebe uma informação e a transfere do inconsciente para o consciente. O lado racional não compreende algo que não leu nos livros, jornais, revistas, nem que tenha visto na TV ou que alguém tenha contado. Existem mecanismos próprios que tornam a recepção da informação adequada ao nível de captação. Quando duas pessoas veem a mesma coisa, fica mais fácil, porque há o testemunho de alguém.

**Tribuna – Ao invés de ajudar, esse testemunho não pode confundir? Caça-fantasmas** – Pode. Por isso que as explicações populares apelam aos espíritos, almas penadas etc. Mas nós estamos alicerçados na ciência. A explicação científica não exclui a popular, apenas parte de um pressuposto diferente. São explicações paralelas. As aparições sempre têm um objetivo, querem dizer alguma coisa. Avisar sobre um acidente, morte ou trazer alguma mensagem. Um exemplo disso é quando alguém vê a imagem de algum familiar e lembra que essa pessoa está viajando. Imediatamente, olha para o relógio. Todo mundo faz isso. Depois de um certo tempo, recebe a notícia sobre o acidente, só que o familiar não morreu. Então, não existem apenas aparições de pessoas mortas.

**Tribuna – Existe um ambiente específico para essas aparições? Caça-fantasmas** – Desde o século passado, cientistas estão muito interessados em saber se isto acontece apenas em ambientes religiosos e com pessoas mortas. Por volta de 1885, um grupo de pesquisadores da Inglaterra realizou uma enquête junto à população com o intuito de saber se as pessoas já haviam visto alguma figura fan-

tasmagórica. Foi verificado que, além dos mortos, existem aparições de pessoas vivas, que estão distantes, mas vivas, provando que a visão religiosa não é a única. É isso que fascina, essa capacidade de materializar algo sem a utilização dos cinco sentidos conhecidos. É telepatia, outro fenômeno interessante. Essa mensagem telepática chega através de uma aparição, de um sonho, de um sentimento ou sensação.

**Os fantasmas não assombram. Simplesmente transitam, usam o mesmo local durante um certo tempo, realizam algumas funções e depois desaparecem**

**Tribuna – E quando temos o mesmo sonho repetidamente? Caça-fantasmas** – O sonho é uma representação simbólica, que traz informações sobre nós mesmos. Estas informações são cifradas, como um poema, que o inconsciente permite que conheçamos, mas de forma parcial. O processo de interpretação ajudaria a saber qual o sentido do sonho. É claro que, às vezes, os personagens são trocados. O acidente pode não ser com você, mas com alguém da família.

**Tribuna – Isso só acontece em situações de tristeza, de saudade? Caça-fantasmas** – Na maioria das vezes, sim. Mas também pode manifestar alegria, a chegada de alguém. Geralmente, o enfoque é trágico. Também vale frisar que essa

informação à distância vai acontecer em momentos importantes da vida dessa pessoa e aquelas mais ligadas emocionalmente.

**Tribuna – Quando o fantasma é bom e traz boas notícias? Caça-fantasmas** – O caso do fantasma é tratado separadamente da aparição. Não existe uma teoria fechada para isso. O fantasma está envolvido com vários fatores. As pesquisas estão direcionadas ao tipo de pessoa que vê, características psicológicas e confronto com outras pessoas. Aliado a isso, também são realizados estudos no local para verificar força eletromagnética. Em tese, o fantasma não tem nada de bom, nem de ruim. Quem determina seu comportamento é a pessoa que está vendo a imagem. Em um indivíduo super sugestionado, hiper supersticioso, as consequências podem ser incríveis. Os próprios fatores psicológicos determinam o que é bom ou ruim.

**Tribuna – O fantasma é um fenômeno sobrenatural? Tem idade? Caça-fantasmas** – É importante que as pessoas saibam que, do ponto de vista da parapsicologia, esse fenômeno é natural, e não sobrenatural. Quem por caso passar por uma experiência dessas, que tente descobrir algo sobre si mesmo e sobre as pessoas que a cercam. Quanto a idade, não tem. Aquilo que a pessoa diz ver, pode mostrar-se de diferentes maneiras. Há quem veja crianças, outros veem velho de branco, animais.

**Tribuna – Quando isso interfere de maneira prejudicial na vida de uma pessoa, como vocês exorcizam esse fantasma? Caça-fantasmas** – Em geral, nós não somos chamados apenas para lidar com aparições, mas, principalmente, quando há um outro tipo de fenômeno unido a esse. Movimento de objetos, por exemplo. Movimento vivo.

Quadros girando, livros voando, xícaras tremendo, etc. Nesses momentos é que nós, parapsicólogos, somos chamados com maior frequência. Até isso acontecer, as pessoas convivem de forma pacífica com os fantasmas. Agora, quando o fenômeno surge de forma mais agressiva, violenta, as pessoas querem se livrar logo deles.

**Fantasma não é, necessariamente, uma coisa do outro mundo. Pode ser uma projeção do inconsciente**

**Tribuna – E dá trabalho? Caça-fantasmas** – Não, é muito simples. A técnica que nós utilizamos é ligada a psicologia, onde a família passa por uma terapia leve.

**Tribuna – Vocês já foram chamados para solucionar casos de exorcismo? Caça-fantasma** – Sim, mas como nós estamos isentos de qualquer visão religiosa nesses casos, conseguimos provar que era um fenômeno parapsicológico, e não coisa do demônio. Em um dos casos mais impressionantes, nós estávamos junto com a família e constatamos a presença do fenômeno poltergeist. No último dia de visita, enquanto tomávamos café, a tampinha do bule começou a mexer. Não era truque, conhecemos a técnica do ilusionismo. De repente, a tampa voou, bateu no teto e voltou à mesa. Todos nós recuamos, com medo. Procuramos fios, barbantes... alguma explicação racional. Enquanto observávamos, ouvimos um barulho na cozinha. Uma lata de cerveja que servia como cofre havia sido atirada no chão. Então, descobrimos que o fenômeno estava relacionado ao garotinho de 12 anos, que tinha uma série de problemas psicológicos. Ele afirmava ver um espírito que falava com ele dizendo que a família precisava sair daquela casa e ir para uma melhor. E ameaçava, sugerindo que todos ficariam doentes caso seus pedidos não fossem atendidos. O garoto tornou-se o dono do mundo. Não ia mais à escola, só queria ver televisão, acabou dominando a família.

**Tribuna – No filme “O Exorcista”, o espírito domina a pessoa. Há explicação científica? Caça-fantasma** – Não é a mesma coisa que aconteceu com o garotinho. Neste caso, o menino via o espírito fora dele. No filme, há um processo de incorporação. Porém, também é passível de explicação psicológica. A informação que externa passa a ser melhor avaliada pela pessoa, que admite ser algo ligado a ela. Entre essa fase de reconhecimento total, de ter a consciência da própria agressividade, e a fase anterior, do desconhecimento, é que acontece a incorporação. Mas nem sempre a pessoa reconhece que o problema é exclusivamente dela. É um mecanismo de defesa. Culando o pseudo espírito que a incorporou, ela se livra das acusações. Isso também pode ocorrer inconscientemente.

**Tribuna – Em Ribeirão Preto, já aconteceu algum desses fenômenos? Caça-fantasmas** – Com certeza, sim. Mas não estivermos na cidade, nem temos conhecimento algum sobre algum caso.



Caça-fantasmas: filme foi sucesso de bilheteria nos anos 1980





# E agora, como que eu escrevo?

Tribuna apontou erros ortográficos e falta de placas toponímicas na cidade; justificativa foi a falta de formação escolar do responsável

Lá atrás, o Tribuna Ribeirão alertava: (...) O paraíso, lugar recheado de delícias e prazeres onde Deus colocou Adão e Eva, virou um inferno. Desta vez, a culpada não é a serpente, mas uma cobra cega qualquer que usou a letra “z” no lugar do “s”.

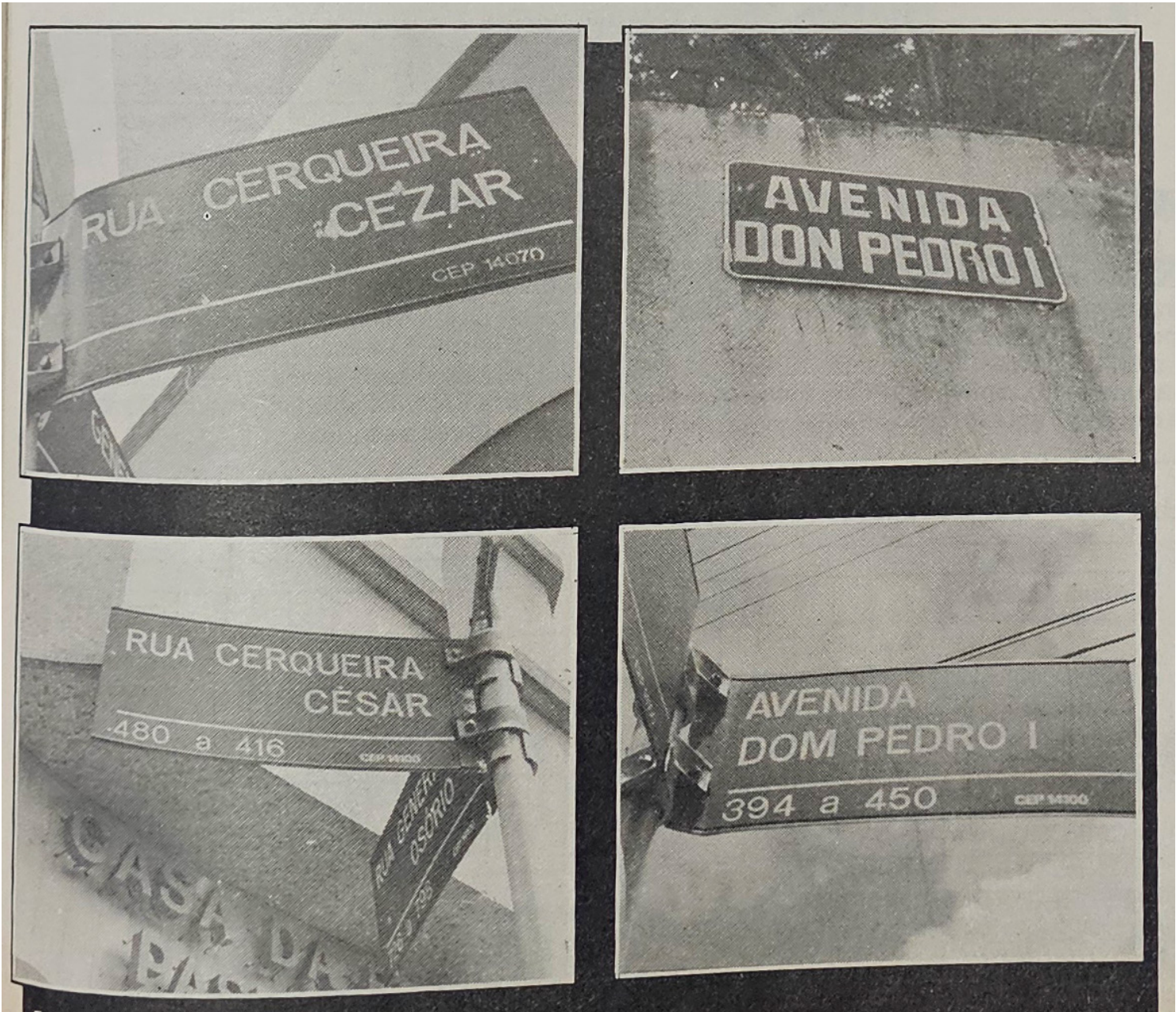
A matéria destacava os erros ortográficos em placas públicas de sinalização, conhecidas tecnicamente por toponímicas. Além da troca destacada acima, de “Paraíso” por “Paraizo”, havia muitas outras falhas espalhadas pela cidade.

Uma delas, por ironia, justamente na via que leva o nome do pai de literatura brasileira e patrono da Academia Brasileira de Letras. Machado de Assis ora tinha seu sobrenome grafado corretamente, ora aparecia como “Assiz”.

No Ipiranga, a principal avenida do bairro também não escapou. O “Dom” de Pedro I, referência ao pronomede tratamento concedido a monarcas, príncipes e infantes, deixou de ser tão nobre para virar “Don”.

Nem mesmo o centro de Ribeirão Preto, por onde transitavam (e ainda transitam) diariamente milhares de pessoas, ganhou maior cuidado dos responsáveis.

Marie-Joseph Paul Yves Roch Gilbert du Motier, o



Marquês de La Fayette, ou simplesmente La Fayette, foi um aristocrata e militar francês que lutou pelo lado revolucionário na Guerra da Independência dos Estados Unidos e foi figura importan-

te na Revolução Francesa e na Revolução de Julho.

No Brasil, o que é compreensível, teve seu nome ‘aportuguesado’. Virou Lafayette. E deu nome a ruas de norte a sul do país. Em Ribeirão, porém, não havia um consenso: Lafayette e Lafaiete se alternavam nas esquinas nas placas toponímicas.

Situação parecida com a Cerqueira César. O primeiro presidente do estado de São Paulo após a Proclamação da República, José Alves de Cerqueira César, em muitas placas tinha o nome escrito com “z”, tal como Machado de Assis.

Para o professor de português Antônio Cassoni, a ortografia irregular poderia influenciar no aprendizado dos pequenos e “bagunçar” a cabeça dos adultos. “Essas placas são expostas ao visual das crianças, que com certeza vão gravar isso. É como televisão, de tanto ver e ouvir acaba registrando”, alertava.

Mas os erros de ortografia não eram os únicos. Enquanto os vereadores não poupavam projetos para denominar logradouros públicos, faltavam placas. “Na Câmara Municipal, a tempestade de projetos

que dão nome às ruas é intensa. Entretanto, ninguém se lembra de promulgar leis que obriguem a instalação de placas que indiquem que a rua ‘x’ leva o nome de Fulano de Tal”, cobrava o jornal, na edição de



Nem mesmo o patrono da Academia Brasileira de Letras escapou, virou Machado de Assiz

## O funcionário que confecciona as placas não tem formação escolar

Justificativa do diretor do departamento de obras e serviços particulares da Secretaria de Obras de Ribeirão Preto, Milton de Almeida, para os erros ortográficos em placas toponímicas espalhadas pela cidade.



Pedro I: qual era o dom do imperador?

## Os peixes de Laerte Alves



Tanques na fazenda de Laerte Alves, em Ipuã

A aquicultura, cultivo de peixes e outros organismos aquáticos com o objetivo de produzir alimentos e medicamentos, entre outros, vem crescendo há anos no Brasil. Embora o país ainda esteja longe dos grandes produtores mundiais, já é o maior da América Latina, superando o Chile, líder histórico até 2023, impulsionado pelo salmão.

Segundo a Peixe BR, o Brasil já se destaca globalmente por deter a tilapicultura mais tecnológica do planeta. De acordo com e entidade, a produtividade nacional é até duas vezes superior à média mundial, resultado de investimentos em todas as etapas da cadeia.

Há quase 30 anos, a produção de tilápias ainda engatinhava no país. Ainda mais na região de Ribeirão Preto, onde a cana-de-açúcar dominava.

Ipuã, a 70 quilômetros de RP, era uma exceção, destacada pelo Tribuna. Ali estava um dos maiores projetos de criação e produção de peixes do estado, em uma fazenda de 410 alqueires, de propriedade do comendador Laerte Alves,

relação ao período anterior.

O avanço foi puxado pela tilápia, peixe de água doce introduzido no Brasil que se popularizou pela sua carne magra, sabor suave e baixo custo – além do rápido crescimento e fácil adaptação a lagos e represas.

Segundo a Peixe BR, o Brasil já se destaca globalmente por deter a tilapicultura mais tecnológica do planeta. De acordo com e entidade, a produtividade nacional é até duas vezes superior à média mundial, resultado de investimentos em todas as etapas da cadeia.

Há quase 30 anos, a produção de tilápias ainda engatinhava no país. Ainda mais na região de Ribeirão Preto, onde a cana-de-açúcar dominava.

Ipuã, a 70 quilômetros de RP, era uma exceção, destacada pelo Tribuna. Ali estava um dos maiores projetos de criação e produção de peixes do estado, em uma fazenda de 410 alqueires, de propriedade do comendador Laerte Alves,

16 de março de 1996.

O problema, segundo Milton de Almeida, diretor do departamento de obras e serviços particulares da Secretaria de Obras de Ribeirão Preto, estava na “defasagem de mão-de-obra, além de uma burocracia que impede a agilização do processo”.

Em época em que a internet apenas engatinhava, a reposição de placas era comunicada por telefone. O pedido, então, anotado e enviado à Secretaria de Obras. Daí para frente, era só aguardar que chegasse a vez do único funcionário encarregado atendê-lo. Em tempo: havia espera de solicitações ainda da administração anterior, ou seja, que estavam na fila há pelo menos três anos e meio...

O ‘melhor’ ficou para o final. Lembram-se dos erros ortográficos? A culpa, de acordo com o diretor do departamento, era do “funcionário que confeccionava as placas, que não tem formação escolar”. “Como não podemos fazer contratações por causa do ano eleitoral, o serviço não é supervisionado”, disse, tentando justificar o injustificável.

O nome da rua saía do setor de obras datilografado, pronto para a confecção da placa.

Na época, havia 16 mil placas toponímicas espalhadas pela cidade. A ideia do diretor para solucionar o problema, era negociar com a prefeitura a abertura de licitação para exploração das placas, que custavam, em média, R\$ 50.





# “Entre aspas”

O que disseram ao Tribuna Ribeirão

*“Não gosto desse termo: alternativo. Vejo isto como uma coisa de baixo custo e sem estrutura. O fato é que o rock não é popular. E no Brasil não há meio termo: ou se faz música popular, ou não se vende”.*



**Dado Villa-Lobos**, guitarrista da Legião Urbana e um dos promotores da Expo Alternative, evento musical realizado na Fundação Progresso, no Rio de Janeiro, em 1996.

*“Com raríssimas exceções, não existe imprensa esportiva em Ribeirão Preto. Há um grupo que omite e mente sobre fatos graves ou não, tendo em vista obscuros interesses”.*



**Luiz Carlos Briza**, jornalista esportivo, que no ano anterior gravou, junto com o colega Alexandre Reis, uma conversa com o ex-árbitro Wilson Catani, na qual ele acusava o Botafogo de ter usado métodos escusos para chegar à Série A1.

*“Era mãe do meu marido. Cuidava dele de dia e abria as pernas à noite”.*



**Gessy Gesse**, ex-atriz e ex-mulher de Vinícius de Moraes.

*“Meu sobrenome te garanto que não (me levaria ao Maracanã), porque não sou botafoguense. Eu iria para ver o Pelé. Ele é um bailarino da bola, um rei. Agora, meu time também me levaria ao estádio, sou (torcedora do) Fluminense...”*



**Ana Botafogo**, bailarina, sobre quem ou o que, fora o balé, a faria frequentar o estádio carioca.

*“Precisamos de investimentos, contratar jogadores bons, conhecidos, para manter a tradição do time. A camisa do Botafogo tem história”.*



**José Mário Crispim**, treinador de futebol, a poucos dias de levar o Botafogo ao acesso ao Campeonato Brasileiro da Série B, com uma equipe de jovens atletas das categorias de base, ao ser questionado sobre o que faltava para o Tricolor ser grande. Trinta anos depois, nada mudou...

*“Esse promotor é um neurótico sexual, vê sujeira em tudo. Parece aquele personagem da Engraçadinha, do Nelson Rodrigues”.*



**José Celso Martinez Côrrea**, dramaturgo, acionado pelo Ministério Público de Araraquara, por conta da peça Mistérios Gozosos, encenada em Araraquara, sua cidade natal, durante a Semana Luiz Antônio Martinez Côrrea, em homenagem ao irmão falecido.

*“Comparo o nível técnico do amador com o da Série A2 do Campeonato Paulista. Temos bons campos e estrutura significativa. As chuteiras fornecidas pelo Paulistano são da Mizuno e a camisa foi feita na Itália”.*



**Paulo César Camassuti**, ex-atacante do Botafogo, São Paulo, Corinthians e da Seleção Brasileira, sobre o campeonato amador de Ribeirão Preto.

*“A maioria dos profissionais não tem visão humanística, não sabe fazer uma leitura crítica do fato. Ser 100% imparcial é impossível, somos seres humanos, não máquinas”.*



**Roberto Ribeiro**, jornalista, falecido em 2022, sobre a imparcialidade da imprensa.

DIVULGAÇÃO/JORNAL DA OLÍMPIA